

PERCURSOS PARTICULARES

Marielen Baldissera¹

Esta série de fotografias é resultante de uma viagem à cidade de Roma, na Itália. Procurei captar imagens diferentes do turismo habitual, voltando as lentes para os habitantes da cidade na vivência do seu cotidiano. Como eles utilizam os espaços da cidade? De que forma seus corpos se relacionam com essa metrópole?

Roma, além de ser a capital de um país, é uma cidade muito turística, por todos os lados podemos ver pessoas apreciando e fotografando as construções arquitetônicas, ruínas e estátuas que estão pelas ruas. Mas, para seus habitantes, essa paisagem é algo costumeiro e, a tela do celular ou as páginas de um livro podem ser um meio mais interessante para se passar o tempo. Esse comportamento de afastamento do ambiente caótico poderia ser relacionado com a “atitude blasé” descrita por Georg Simmel², uma atitude mental de reserva e proteção em reação aos múltiplos estímulos e contatos inesperados e indesejados existentes na metrópole.

Na região central de Roma há um ar de exagero, por todos os lados há construções monumentais, igrejas super ornamentadas, profusão de estátuas, carros, motos e pessoas. Resta aos moradores locais adotarem táticas para dividir esse local com a horda de turistas e até mesmo com os outros habitantes, que estão sempre presentes e em constante movimento. Nas fotografias apresentadas, há a intencionalidade de localizar os pequenos momentos de silêncio criados por essas pessoas no seu dia-a-dia. Para Michel de Certeau³, esses “praticantes ordinários” da cidade jogam com seus espaços, apropriam-se deles e os trazem novos significados através de suas caminhadas e práticas cotidianas no espaço vivido. Segundo o autor, no momento em que diferencia os conceitos de “espaço” e de “lugar”, “[...] o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres.” (CERTEAU, 1998, p.202)

Essa relação do corpo com a cidade e sua arquitetura a partir de uma transformação do lugar em espaço é retratada nas fotografias da série. Procurei isolar as pessoas do grande cenário citadino que é ocupado por grandes massas de pedestres e trânsito incessante, por muitas vezes confuso e desordenado, da mesma forma que eles escolheram se isolar em seus pensamentos. Cada um dos personagens fotografados está imerso em seus percursos particulares, em contato direto com essa cidade que é feita de uma mescla entre construções datadas de antes de Cristo e modernos prédios cobertos por propagandas publicitárias.

¹ Marielen Baldissera (Leli Baldissera) nasceu em Erechim - RS em 1990. Mestra em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharela em Artes Visuais pela UFRGS. Integrante do coletivo “Nítida - fotografia e feminismo” e do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) da UFRGS. Pesquisa sobre fotografia, mulheres artistas, gênero e cidade. Enquanto artista visual, tendo participado de diversas exposições coletivas e também individuais.

² SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) O fenômeno urbano Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

³ DE CERTEAU Michel de. A intervenção do cotidiano. Artes de fazer. Vol 1. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.





